



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 21, v. 1

jan-jul.2025

p. 298-317

Descolonizando o amor: relacionamentos afrocentrados e o rompimento com a monogamia

(Decolonizing love: Afrocentric relationships and the break with monogamy)

(Descolonizar el amor: las relaciones afrocéntricas y la ruptura con la monogamia)

Giovana Carla de Jesus Santos¹

Lidia Sousa Santos²

Letícia Cardoso Barreto³

RESUMO: Os impactos da colonização interferem em diversos âmbitos da vida da população negra, incluindo seus afetos. Nesse contexto, as relações afetivo-sexuais afrocentradas aparecem enquanto uma estratégia de cura e resistência. No entanto, a estrutura monogâmica e os ideais eurocentrados sobre amor impactam a construção dessas relações, de modo que reproduzam opressões. Por isso, parte dessa população tem se movimentado para descolonizar sua visão acerca do amor e construir relacionamentos contracoloniais. O trabalho objetiva compreender as relações afrocentradas, a ruptura com a estrutura monogâmica e a transformação da vivência racial de pessoas negras, a partir da revisão narrativa. Neste artigo, é possível compreender os impactos coloniais na vivência afetiva de pessoas negras, o encontro entre elas, enquanto estratégia transformadora da experiência subjetiva, e o senso de comunidade e pertencimento atuante na transformação de seus relacionamentos.

PALAVRAS-CHAVE: relações afrocentradas; afetividade negra; descolonização; não monogamia.

Abstract: The impacts of colonization interfere in various areas of the black population's life, including their affections. In this context, Afrocentric affective-sexual relationships appear as a strategy of healing and resistance. However, the monogamous structure and Eurocentric ideals about love have an impact on the construction of these relationships, so that they reproduce oppression. For this reason, part of this population has been moving to decolonize their vision of love and build countercolonial relationships. This paper aims to understand Afrocentric relationships, the break with the monogamous structure, and the transformation of the racial experience of black people, based on a narrative review. In this article, it is possible to understand the colonial impacts on the affective experience of black people, the encounter between them as a strategy for transforming the subjective experience, and the sense of community and belonging who acts a transforming play their relationships.

Keywords: Afro-centered relationships; black affectivity; decolonization; non-monogamy.

Resumen: Los impactos de la colonización interfieren en diversos ámbitos de la vida de las personas negras, incluidos sus afectos. En este punto, las relaciones afectivo-sexuales afrocentradas emergen como una estrategia de sanación y resistencia. Sin embargo, la estructura monógama y los ideales eurocéntricos sobre el amor inciden en la construcción de estas relaciones, reproduciendo la opresión. Por este motivo, parte de esta población se ha movilizado para descolonizar su visión del amor y construir relaciones contracoloniales. Este artículo busca comprender las relaciones afrocentradas, la ruptura con la estructura monógama y la transformación de la experiencia racial de la población negra a partir de una revisión narrativa. En este artículo, es posible comprender los impactos coloniales en la experiencia afectiva de las personas negras, el encuentro entre ellas como estrategia que transforma la experiencia subjetiva, y el sentido de comunidad y pertenencia que transforma sus relaciones.

Palabras clave: relaciones afrocéntricas; afectividad negra; descolonización; no monogamia.

1 Discente do curso de Psicologia na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: giovana.1693653@discente.uemg.br

2 Discente do curso de Psicologia na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: lidia.1696688@discente.uemg.br

3 Professora da área de Psicologia Social da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: leticia.barreto@uemg.br



1 Amor, impactos coloniais e as estratégias de resistência da população negra

É o amor que nos torna ou não humanas
E por muito tempo desejei muito ser humana
E ser amada
(O que é o amor?, 2022).

A temática do amor e das relações afetivo-sexuais é pouco difundida dentro de espaços acadêmicos. Isso acontece porque, como aponta bell hooks (2021), esses assuntos são considerados desviantes da norma da racionalidade. Quando são produzidos estudos acerca desses temas, ganham notoriedade, majoritariamente, os produzidos por homens brancos cisgêneros e heterossexuais, o que tem contribuído para um olhar tido como universal, mas que, efetivamente, é pouco abrangente sobre as temáticas.

Contrariando as perspectivas homogeneizantes em relação à experiência amorosa, este artigo utiliza, em referenciais teóricos e linguagem, modos não eurocêtricos de se tratar o tema. Em sua escrita, vale mencionar que o masculino não é tomado como neutro, uma vez que, como constata Hugo Sandall, Fabiana Queiroga e Sonia Maria Guedes Gondim (2022), a maioria das pessoas que exercem a profissão da Psicologia, área de formação das autoras, são mulheres. Nesse sentido, a linguagem utilizada é feminilizada enquanto um posicionamento político feminista. A intenção da feminilização da linguagem não é excluir quaisquer outros gêneros ou identificações existentes, mas demarcar que o espaço da produção de conhecimento no campo da Psicologia é majoritariamente composto por mulheres e, por isso, não há sentido em tomar o masculino como norma ou padrão de humanidade. Um exemplo dessa demarcação é o termo “sujeito”, que, aqui, será utilizado como “sujeita”.

Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013) afirma que a ausência de abordagem da afetividade de pessoas não brancas em estudos raciais dos séculos XIX e XX se deve à forma degenerativa pela qual o contato afetivo-sexual entre esses povos era visto. Somado a isso está o medo que a mestiçagem representava para a sociedade, tornando-se um perigo para nações que objetivavam alcançar um grau mais alto de “evolução racial”. Por outro lado, essas teorias também percebiam esse contato enquanto uma forma de embranquecer a população por meio da miscigenação.

Geni Núñez (2023) aponta que algo que se propõe como universal não pode ser considerado saudável, uma vez que a homogeneização não considera especificidades. Desse modo, uma abordagem universalista da experiência amorosa pode contribuir para que singularidades de populações específicas sejam desconsideradas.

A importação e incorporação direta das conceituações psicológicas e psicanalíticas produzidas na Europa desconsideram a singularidade da marca, dos processos de



subjetivação não-brancos e impõem uma nosologia à imagem e semelhança da subjetividade do colonizador (Veiga, 2019, p. 245).

Por isso, é importante considerar que todas as violências sofridas pelas pessoas negras na sociedade colonial, na qual estamos inseridas, podem impactar diretamente a construção de subjetividade da população, uma vez que, como afirma Lucas Veiga (2019), o sofrimento psíquico não é da ordem da intimidade, mas da política. A partir disso, é possível afirmar que os problemas estruturais da sociedade impactam diretamente o psiquismo da população. Não cabe, aqui, fazer uma leitura psicanalítica dos efeitos do racismo para a pessoa negra, mas vale ressaltar que “[...] nosso inconsciente é colonial. O sucesso da colonização se baseia na capacidade não apenas de colonizar territórios geográficos, mas na capacidade também de colonizar territórios existenciais, o inconsciente” (Veiga, 2019, p. 244).

Lucas Veiga (2019) aponta que uma das consequências de vivermos em um país antinegro é o efeito nocivo que o racismo tem na construção das subjetividades negras. Nesse sentido, entende-se que as relações interpessoais também são afetadas pela vivência racista, incluindo as amorosas. Matheus da Rocha Viana (2019) questiona, a partir desse mesmo entendimento, como pessoas negras podem construir autoestima e segurança para se relacionarem afetivamente, inseridas em um contexto em que toda uma população não negra é lida como superior a elas.

Além da inserção em uma sociedade racista, outro fator estruturante das relações interpessoais, não só de pessoas negras, é a monogamia, entendida enquanto a união afetiva de um casal composto por duas pessoas que se relacionam exclusivamente entre si. Geni Núñez (2023) localiza a monogamia enquanto estrutura central do cristianismo, e ressalta que está relacionada com outras expressões de monocultura, como o monoteísmo. Essa estrutura pode ser considerada enquanto um dos pilares da colonização, uma vez que, segundo a autora, é responsável pela disseminação de violências diversas, como a de gênero, o aniquilamento de corpos e sexualidades dissidentes. Ainda, ressalta que sua imposição se deve ao incômodo europeu que, ao se deparar com outras possibilidades relacionais em territórios indígenas e africanos, ocasionou a proibição de práticas não monogâmicas entre esses povos.

De acordo com Geni Núñez (2023), a noção de monogamia trata de uma construção geopolítica amparada por instituições e regimes sociais e que, para além da quantidade de pessoas inseridas em uma relação, baseia-se em outras características difundidas pelo cristianismo, como a exclusividade sexual, a posse sobre o corpo das parceiras, a indissolubilidade do vínculo, a definição de papéis de gênero, a nuclearização e a hierarquização das relações, dentre outras.



É importante destacar que a estrutura monogâmica não se faz presente apenas nos relacionamentos em que a exclusividade sexual é dada como norma. Relações como o poliamor ou relacionamento aberto podem se apresentar como uma forma de ir contra o regime colonial e da monogamia. Entretanto, Geni Núñez (2023) destaca que esses modelos carregam fortes ideias da estrutura que é produtora de sofrimentos diversos, pois não se distanciam da centralização de um ou mais afetos em detrimento de outros; os papéis impostos principalmente para as mulheres se baseiam no gênero e no poder patriarcal, dentre outros modos de perpetuação de violências.

Inserida em um contexto colonial, racista e monogâmico, a população negra tem traçado estratégias de resistência que acontecem por meio dos afetos. Neste artigo, objetiva-se compreender uma das estratégias construídas pelas pessoas negras para o enfrentamento ao racismo cotidiano, o rompimento com ideais relacionais eurocêtricos e a aproximação de sua ancestralidade: as relações afetivo-sexuais afrocentradas. Também nomeadas como “relações monorraciais” e/ou “amor preto”, podem ser definidas como relações afetivas estabelecidas entre pessoas negras que se inspiram em ideais relacionais afrocêtricos. Este trabalho visa entender a relação entre a experiência nessas relações e o rompimento com a estrutura monogâmica, que perpassa a incorporação dos ideais de coletividade e pertencimento à comunidade, presente na cultura de parte dos povos africanos. Para isso, evidencia o racismo e a monogamia enquanto produtos coloniais e discorre sobre seus impactos na população negra brasileira. Posteriormente, descreve o aquilombamento e a união afetiva entre negras enquanto ato político de resistência e ressaltas as problemáticas presentes nessas uniões, que podem, ainda, utilizar de lógicas da estrutura monogâmica. Por fim, expõe modos não nuclearizados e individualistas que podem ser utilizados na (re)construção de relacionamentos descolonizados.

Trata-se de uma Revisão Narrativa (RN) que, de acordo com Sidneia Tessmer Casarin e demais autores (2020), é uma forma não sistematizada de revisar a literatura e é importante para buscar atualizações a respeito de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual: “[...] como a RN inclui um processo mais simplificado de revisar a literatura, a questão de pesquisa pode ser mais ampla ou pouco específica e abordar um tema de forma livre, sem rigor metodológico” (Casarin *et al.*, 2020, p. 1-2). Por se tratar de uma forma de seleção variável e arbitrária, não há obrigatoriedade de se informar os detalhes dos procedimentos ou os critérios de seleção das referências de análise. Neste trabalho, a discussão da temática ocorre a partir de materiais bibliográficos coletados em pesquisa.

Para compreender a formação das relações afetivo-sexuais afrocentradas, é necessário entender o conceito de “afrocentricidade”, desenvolvido por Molefi Kete Asante (2009), pautado



na ideia de que são africanos “indivíduos que sustentam o fato de seus ancestrais terem vindo da África para as Américas”. De acordo com o autor, reivindicar o parentesco com a luta e perseguir a ética da justiça contra as formas de opressão humana pode ser considerado afrocentrista. Ainda para ele, “[...] afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (Asante, 2009, p. 93).

Ao fazer menção aos ideais relacionais afrocêntricos, vale ressaltar que África não é um continente homogêneo e com ideais definidos, uma vez que se percebe a existência de formatos relacionais diversos, até mesmo em um único país. Rhuann Fernandes (2022a), em uma pesquisa a respeito do lobolo, uma tradição de casamento no sul de Moçambique, evidencia a convivência de modos monogâmicos e poligâmicos no país. Ainda, contempla a colonização portuguesa no local e o modo como costumes foram alterados em decorrência dela.

Outra autora que trata das relações interpessoais no contexto africano, Sobonfu Somé (2007), destaca a importância da coletividade na vida humana, o que se opõe à individualidade dos relacionamentos nuclearizados ocidentais.

A comunidade é uma base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dívidas dos outros. Quando você não tem uma comunidade, não é ouvido; não tem um lugar que possa ir e sentir que realmente pertence a ele; não tem pessoas para afirmar quem realmente você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique, tornando a pessoa vulnerável ao consumismo e a todas as coisas que o acompanham (Somé, 2007, p. 35).

Sobonfu Somé (2007) retrata as relações afetivas no contexto dangara, povo que, segundo a autora, foi separado em três nações diferentes em 1882, sendo elas: Burkina Faso, Gana e Costa do Marfim. Uma característica de seu povo, pontuada pela autora, é a vida diretamente inspirada pela natureza, bem como a relação entre as pessoas pautada na construção de comunidade.

Vale ressaltar que, inseridas no contexto brasileiro, o objetivo das relações afrocentradas não é a identificação e a reprodução exatas de modos de ser e se relacionar africanos, mas a retomada de características ancestrais que se perderam no mundo ocidental. Nesse sentido, o Movimento Negro Unificado (MNU) teve grande importância na disseminação da ideia das relações afetivas afrocentradas quando publicou, em 1981, a campanha “Reaja à violência racial: ‘beije sua preta em praça pública’”, nomeada com versos do escritor Lande Onawale e que objetivava retratar pessoas negras para além dos estereótipos coloniais e como dignas de serem amadas.

Atualmente, comunidades no Facebook, como o grupo Afrodengo, discutem a importância de se enxergar possibilidades de afeto em pessoas negras e de se construir relações que fortaleçam o autoamor e a autoestima dessa população. No entanto, conforme explicita Rhuann Fernandes



(2022b) em uma pesquisa realizada com pessoas não monogâmicas negras, com o crescimento da comunidade, foi possível notar um desrespeito aos formatos relacionais que não os monogâmicos. Isso motivou a criação do grupo Afrodengo – Amores Livres, com a mesma proposta, mas incluindo discussões acerca da não monogamia.

Portanto, a dissidência entre não monogâmicos e monogâmicos negros no contexto do *Afrodengo* se deu por conta de confusões, nas quais os monogâmicos argumentavam, de acordo com meus interlocutores, que a ‘não monogamia não era para pessoas pretas, era coisa de branco’ (Fernandes, 2022b, p. 183).

Foi constatado por Rhuann Fernandes (2022b) que a premissa de que relações não monogâmicas não são para pessoas negras soa como tentativa de minar uma agência, supondo a existência de uma essência que determine lugares para negras e brancas. Compreende-se que os desentendimentos no grupo Afrodengo, somados às experiências de atitudes racistas por parte de pessoas brancas não monogâmicas em outros grupos de não monogamia, levaram à necessidade da discussão da não monogamia entre pessoas negras, considerando, também, os atravessamentos de gênero e sexualidade.

Outro exemplo da adesão de pessoas negras ao movimento de afrocentrar foi a criação de um aplicativo de relacionamentos, o Denga Love. Voltado para pessoas negras, o aplicativo possibilita o encontro de pessoas interessadas nas chamadas relações afrocentradas e evidencia como as temáticas do afeto, cuidado e relações amorosas têm ganhado destaque no debate das questões raciais.

É possível identificar que, diante de uma vivência racial de violência, na qual é delegada à população negra uma posição de sub-humanidade, em que seu *status* de sujeita é violado, a experiência afetiva dessas pessoas é marcada por inúmeros empecilhos. A construção de uma emocionalidade abalada pelos impactos da escravização, o viver em diáspora, o contexto de ruptura e fragmentação com a sensação de isolamento, a internalização do ódio disseminado pela branquitude, dentre outras, são violências que impactam a construção afetiva de pessoas negras brasileiras. Cabe ressaltar que, enquanto branquitude, entende-se, a partir de Cida Bento (2022), um conceito que busca categorizar a racialidade de pessoas brancas e seu protagonismo nas relações de dominação de uma raça sobre a outra.

As instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme, não só processos, ferramentas, sistemas de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças, majoritariamente masculino e branco. Essa transmissão atravessa gerações ali incrustadas. Esse fenômeno tem um nome, branquitude, e sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios (Bento, 2022, p. 18).



Em meio a esse contexto, a criação de relacionamentos amorosos afrocentrados aparece enquanto uma estratégia de descolonização dos afetos, uma vez que, inspiradas em ideais relacionais afrocêntricos, possibilitam uma ruptura com características diversas dos modelos de relacionamento instituídos pelo cristianismo, além de proporcionarem um ambiente de cuidado para trabalhar as feridas ocasionadas pelo racismo. Ao romper com concepções eurocêntricas a respeito da vivência afetiva, compreende-se que pessoas negras têm a possibilidade de se pautar em outros referenciais. No retorno à ancestralidade africana, ou seja, na retomada de ideais afrocêntricos, características que fundamentam diversas práticas de resistência de negras na diáspora são a união e o senso de coletividade, o que contraria o individualismo ocidental e a nuclearização familiar, componentes fundamentais da monogamia.

2 Racismo e monogamia: implicações na experiência subjetiva de pessoas negras

Tudo o que eu ouvi sobre esse tal amor me assusta
(Lágrimas, 2022).

Para abordar a vivência racial de pessoas negras, é importante pensar como estas se subjetivam em uma sociedade colonial. Grada Kilomba (2021) define o termo “sujeita” enquanto um conceito relacional ao invés de substancial.

Ter o status de sujeito significa que, por um lado, indivíduos podem se encontrar e se apresentar em esferas diferentes de intersubjetividade e realidades sociais, e por outro lado, podem participar em suas sociedades, isto é, podem determinar os tópicos e anunciar os temas e agendas da sociedade em que vivem. Em outras palavras elas/eles podem ver seus interesses individuais e coletivos reconhecidos, validados e representados oficialmente na sociedade – o status absoluto de sujeito (Kilomba, 2021, p. 74-75).

Partindo do ponto que sujeitas são aquelas pessoas que individual e coletivamente são respeitadas e validadas em seus direitos, Grada Kilomba (2021) entende que o racismo afeta o *status* de sujeita daquelas acometidas por ele, uma vez que estas não veem seus interesses como parte de uma agenda comum, sejam eles políticos, sociais ou individuais.

É necessário pontuar que, no Brasil, a violência racista se apresenta de múltiplas formas, por ser terra colonizada por um país europeu que escravizou povos africanos e indígenas, retirando deles quaisquer resquícios de dignidade e humanidade. Cabe ressaltar, ainda, as faces do racismo que afetam, cotidianamente, pessoas negras brasileiras e interferem em sua formação subjetiva: o racismo estrutural e o racismo cotidiano. O primeiro é definido por Grada Kilomba (2021) enquanto aquele que se manifesta na exclusão de grupos racializados da maioria das estruturas sociais e políticas e os coloca em visível desvantagem. Já o segundo



[...] refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o *sujeito negro* e as Pessoas de Cor não só como ‘Outra/o’ – a diferença contra a qual o sujeito branco é medido – mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca (Kilomba, 2021, p. 78).

Os dois conceitos se fazem essenciais para compreender que a população negra, além de assumir um local subalterno, estruturalmente, na sociedade brasileira, ainda é “usada como tela para projeções do que a sociedade branca tornou tabu” (Kilomba, 2021, p. 78). Isso revela inúmeros estereótipos associados às pessoas negras que são criados pela branquitude enquanto uma forma de afastamento dessa população, como a infantilização, a primitivização, a incivilização, a animalização e a erotização, citados pela autora.

Neusa Santos Souza (2021) afirma que um traço da violência racista é o estabelecimento de uma relação persecutória entre a sujeita negra e seu corpo por meio do preconceito de cor, uma vez que o corpo é um dos componentes fundamentais na construção da identidade. Logo, entende-se que esses ideais, aplicados aos corpos negros, contribuem para a interiorização da ideia de que são indignos de amor e relações afetivas duradouras.

bell hooks (2000) afirma que, em uma sociedade racista, questões políticas permeiam a vida das negras e explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. A autora discute o impacto da escravização no ato de amar, ressaltando que lidar com o amor é uma dificuldade coletiva da população negra que se inicia a partir do contexto escravocrata e que reverbera atualmente.

Depoimentos de escravos revelam que sua sobrevivência estava muitas vezes determinada por sua capacidade de reprimir as emoções [...] O fato de terem testemunhado o abuso diário de seus companheiros- o trabalho pesado, as punições cruéis, a fome- fez com que se mostrassem solidários entre eles somente em situações de extrema necessidade. E tinham boas razões para imaginar que, caso contrário, seriam punidos. Somente em espaços de resistência, cultivados com muito cuidado, podiam expressar emoções reprimidas (hooks, 2000, p. 189-190).

A repressão emocional, para pessoas negras, estava diretamente ligada à sobrevivência e, segundo bell hooks (2000), essa prática não foi abolida ao fim da escravização, assim como o racismo não deixou de existir. Nesse sentido, crianças negras, mesmo que nascidas livres, cresceram aprendendo que expressar suas emoções era um sinal de fraqueza, e que isso comprometeria sua sobrevivência.

Uma vivência afetiva marcada pelas opressões do período escravocrata pode ser, ainda, uma exemplificação do que Grada Kilomba (2021) nomeia como “trauma colonial”, uma reencenação do passado colonial, que ocorre por meio do racismo cotidiano, e um choque violento que, segundo a autora, leva a pessoa negra à cena colonial aprisionada enquanto subordinada. “Cotidiana e



abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional” (Kilomba, 2021, p. 213).

De acordo com Lucas Veiga (2019), o ódio que a branquitude tem projetado sobre as pessoas negras marca a experiência da população, uma vez que é introjetado em suas subjetividades, resultando em um processo de auto-ódio. Frantz Fanon (2020) discorre acerca da inferioridade sentida por sujeitas negras, que faz com que busquem a aparência e o comportamento europeus a fim de experienciarem a igualdade. Ainda que o foco do autor sejam as Antilhas Francesas, ressalta que essas atitudes podem ser encontradas no seio de qualquer raça que tenha sido colonizada. Entende-se que o ódio internalizado pela população negra em relação às próprias características seja um responsável por sua vontade de se embranquecer.

Cida Bento (2014) afirma que o cruzamento de raças foi utilizado enquanto uma ferramenta para que o país se tornasse progressivamente mais branco. É válido ressaltar que esse objetivo era cumprido frequentemente a partir de interações forçadas, nas quais mulheres negras e indígenas eram submetidas a estupros cometidos por homens brancos. As relações interracializadas, isto é, compostas por parceiras de diferentes raças, passaram a ser vistas enquanto uma forma de salvação para a população negra, havendo um processo de negação das violências presentes no processo.

Iray Carone (2014) entende o branqueamento também como uma pressão cultural para que a pessoa negra negasse a si mesma a fim de ser aceita na nova ordem social. A partir disso, faz sentido afirmar que, para além de um embranquecimento fenotípico, objetivava-se uma eliminação forçada da diferença cultural, conforme afirma Rhuann Fernandes (2022b). Nessa perspectiva, Neusa Santos Souza (2021) ressalta que é pela destruição da identidade negra que a violência racista da branquitude é exercida. Segundo a autora, através da internalização compulsória do ideal do ego branco, negras formulam um projeto identificador para si que é incompatível com seu corpo. É nesse contexto que se dá a supervalorização e a idealização do ser branca que impactam diretamente em sua autoestima e relações interpessoais. Diante disso, Cida Bento (2022) relata um ocorrido em que um menino negro ouve, de um colega branco, que ser descendente de negras escravizadas é um motivo de vergonha. O caso ilustra que, mesmo após todas as violências exercidas pela branquitude, a ideia da sobreposição da população branca, entre as demais, ainda é difundida, e a categoria racial “branca” ainda não é vista enquanto protagonista das barbaridades que realizou.

Nas relações afetivo-sexuais, pode-se observar os efeitos do embranquecimento na expectativa de grande parte das pessoas negras de se relacionarem com parceiras brancas. Frantz Fanon (2020) descreve esse desejo como produto do entendimento de que uma relação afetiva interracial poderia ser uma porta de entrada para o mundo branco. Desse modo, o autor entende que



relacionar-se com pessoas brancas se apresenta, para essas sujeitas, como um modo de “garantir sua brancura” (Fanon, 2020, p. 62). No entanto, esses relacionamentos não fazem com que as características negras das envolvidas desapareçam, muito menos anulam o racismo experienciado por elas.

Lia Vainer Schucman, Belinda Mandelbaum e Felipe Luis Fachim (2017), em uma pesquisa com famílias interracializadas brasileiras, percebem algumas opressões sofridas por pessoas negras advindas de suas familiares ou cônjuges brancas. As tensões raciais são enfrentadas de diversas maneiras nesses núcleos e, dentre elas, as autoras ressaltam a negação que se expressa a partir do distanciamento de quaisquer características negras das pessoas mais escuras da família. Denominar as parentes de “morenas” e reprovar o uso de tranças e roupas coloridas são formas de aniquilamento da negritude que as pesquisadoras foram capazes de observar no estudo.

Percebe-se que, em uma sociedade colonial racista como a brasileira, pessoas negras são atravessadas por violências singulares de seu contexto que impactam a forma como se relacionam consigo e com os outros. Em uma vivência racial marcada por preconceitos e internalizações negativas sobre si, a população negra vem percebendo, cada vez mais, a possibilidade de revolução por meio dos afetos, mesmo que existam dificuldades. Nesse viés, para bell hooks (2000, p. 189), “[...] a vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor”.

Ainda que tenha discorrido acerca da vivência estadunidense, bell hooks (2000) entende que o desejo de distribuir e receber afeto, por mais que possa representar um ato de resistência, é permeado de desafios advindos da estrutura racista sob a qual a sociedade se configurou. Assim, essa constatação se adequa, também, ao contexto brasileiro.

Dentre as estratégias de resistência e revolução criadas pela população negra brasileira no que diz respeito à experiência afetiva, destacam-se as relações afetivo-sexuais afrocentradas, que partem do princípio de que relacionar-se entre pessoas negras pode ser benéfico e contribuir para uma possível transformação da vivência racial. Cabe ressaltar que existem diversos modos de se construir esses relacionamentos e múltiplas nomenclaturas. Aqui, entendem-se relações afrocentradas enquanto relacionamentos que buscam romper com os ideais eurocêtricos em relação à afetividade e se inspiram em modos africanos de perceber e lidar com o mundo. Tudo isso faz com que essas relações sejam emancipadoras e caminhem na perspectiva de contracolônização, que, segundo Antônio Bispo dos Santos (2020), pode ser definida como a reedição da trajetória de um povo a partir de suas próprias matrizes.

A estrutura monogâmica aparece enquanto algo que deve ser questionado na construção



de relações emancipadoras na pesquisa realizada por Rhuann Fernandes (2022b) com pessoas não monogâmicas negras. As entrevistadas pelo pesquisador acreditam que um relacionamento composto por pessoas negras que se baseasse nas normas da monogamia e nos seus ideais de amor romântico poderia ser categorizado enquanto uma “concepção de amor e família falida que agora procura-se pintar de preto” (Fernandes, 2022b, p. 216). Vale ressaltar que, para essas indivíduos, se apegar a esses ideais pode ocasionar sofrimentos provenientes de problemáticas estruturais de modo semelhante às relações interracialis, uma vez que exigir que pessoas negras desempenhem os mesmos papéis que pessoas brancas, nos relacionamentos, pode ser violento. “Para eles, o amor romântico produz esperanças cruéis de relações amorosas impraticáveis em uma prateleira afetiva racista, sexista e classista” (Fernandes, 2022b, p. 218). Essa “prateleira afetiva” ou “prateleira do amor” pode ser entendida, a partir de Valeska Zanello (2022), como uma construção regida por um ideal estético sob o qual pessoas, especialmente mulheres, são escolhidas ou não para um relacionamento amoroso.

Entendendo a estrutura monogâmica enquanto uma das estratégias coloniais de controle dos corpos, Geni Núñez (2023) evidencia a necessidade de reconhecer que a maior parte das violências se perpetua em nome do bem, da família e do amor, como, por exemplo, o feminicídio. Sendo assim, faz sentido afirmar que relacionamentos contracoloniais, ou seja, relações que objetivam reeditar-se por meio da desconstrução de ideais eurocêntricos e (re)construir-se a partir de outras perspectivas, questionam a imposição dessa estrutura e buscam romper com tais violências. Esse movimento não é novo, pois “[...] é possível perceber que o projeto de colonização da afetividade/sexualidade não ocorreu sem resistências” (Núñez, 2023, p. 41). Segundo a autora, desde a invasão das terras brasileiras em 1500, a resistência à imposição da monogamia já vem sendo registrada.

3 Aquilombamento e revolução por meio dos afetos: relações emancipadoras, suas problemáticas e perspectivas possíveis

Nesse mundo que te dá
direito a escolher
entre sonhar ou sobreviver
amar é subversão
Escolher fazer o que ama
e estar com quem ama
é ser agente da sua própria revolução
(Marques, 2021, p. 147).

Desde a colonização, a população negra tem criado estratégias de resistência em conjunto para o fortalecimento da comunidade em meio às violações que enfrentam. Priscilla Santos de Souza (2020), ao abordar colonialismo e sofrimento sociopolítico, destaca como meio de resistir a



formação de quilombos, espaços onde pessoas negras conseguiam viver em comunidade com sua própria organização política e econômica e criando as condições para fugas. Nesse sentido, segundo a autora, os quilombos se apresentaram enquanto uma estratégia imprescindível de desorganização do sistema escravagista: “[...] o quilombo é palavra e prática de resistência e a junção da teoria e prática transformadora da realidade” (Souza, 2020, p.55).

Atualmente, pessoas negras continuam traçando formas para resistirem ao contexto colonial e lidarem com os traumas acarretados por ele. Essas resistências podem acontecer em movimentações amplas e públicas, como a criação de espaços negros, manifestações em casos de racismo, dentre outras, mas também em atividades privadas, como a amizade entre mulheres negras estadunidenses, como ressalta Patricia Hill Collins (2019). Segundo a autora, em conversas cotidianas, as afro-americanas afirmavam a humanidade umas das outras, bem como sua excepcionalidade e seu direito de existir.

Grada Kilomba (2021), em sua pesquisa sobre racismo no cotidiano de pessoas negras, destaca o relato de uma participante que se admira com suas semelhantes que se cumprimentam nas ruas. Segundo a entrevistada, diferentemente de pessoas de outras etnias, pessoas negras sempre se cumprimentavam ou sorriam umas para as outras, ainda que não se conhecessem. Mesmo que realizada com mulheres negras que vivem na Alemanha, o estudo permite análises que se apliquem às negras brasileiras em virtude do contexto diaspórico, isto é, de ruptura, em que estão inseridas. A autora ressalta que o choque da separação causada pela colonização é uma experiência de ruptura que acarretou um trauma colonial, e ela interpreta a ação de cumprimentar outras negras nas ruas como “[...] um ritual coletivo, destinado a reparar esse desmembramento traumático, reunindo aquelas/es que foram separadas/os à força” (Kilomba, 2021, p. 207).

O cumprimento ao qual pessoas negras destinam umas às outras nas ruas, uma vez que entendido como uma forma de “reparar a experiência histórica de ruptura e fragmentação” (Kilomba, 2021, p. 206), pode ser compreendido, também, enquanto uma forma de atividade privada encontrada para a superação do racismo cotidiano e o enfrentamento do trauma colonial, causando a sensação de pertencimento. A identificação de uma semelhante e o voltar o olhar para ela podem ser significativos na experiência dessa população e, assim como se percebem e se cumprimentam, em ambiente colonizado, a procura de umas pelas outras pode resultar em uma importante estratégia de resistência ao racismo: o aquilombamento.

Pode-se entender o sentido de aquilombar a partir de Lucas Veiga (2019, p. 247), que faz menção a Wade Nobles e seu conceito de pulsão palmarina.

A pulsão palmarina, cujo nome faz referência a Zumbi dos Palmares, é o desejo de ser



africano e livre. Livre das engrenagens coloniais que nos mantêm presos a um esquema sociopolítico que nos adocece, nos mata, nos afasta da realidade do que somos, nos afasta do sentido africano do que significa ser humano.

Entende-se que o conceito de pulsão palmarina se relaciona com o desejo que pessoas negras podem apresentar de se desvincularem dos modos de vida embranquecidos e buscarem, a partir de referenciais africanos, outras visões de mundo. Ao discorrer a respeito do significado de ser humana numa perspectiva africana, o autor identifica que “[...] o eu é a parte individualizada de uma totalidade originariamente divina” (Veiga, 2019, p. 247) e que a reconexão com a dimensão coletiva de sua origem divina gera a possibilidade da manutenção da saúde mental negra no ambiente colonizado. Em outros termos, por meio de práticas coletivas, pessoas negras têm conseguido resgatar o sentido africano do que significa ser humana, e isso tem papel significativo na saúde mental da população.

De acordo com Lucas Veiga (2019), a reunião entre negras e a criação de práticas coletivas que têm por finalidade expandir o eu individual no contato com as demais e possibilitar a reconexão com o divino que nos constitui e nos transborda fazem desaparecer momentaneamente a fragmentação e a separação entre as indivíduos. É nesse sentido que o aquilombamento se apresenta enquanto prática imprescindível para o enfrentamento das feridas acarretadas pelo racismo.

Podemos entender as relações afetivo-sexuais afrocentradas enquanto um espaço em que pessoas negras fazem o movimento de união com uma ou mais semelhantes, a depender da configuração relacional, partindo da ideia de que “o encontro entre negros e negras é cura” (Veiga, 2019, p. 248). Diante disso, faz sentido categorizar esses relacionamentos enquanto uma estratégia de resistência que acontece por meio dos afetos.

Rhuann Fernandes (2022b) destaca isso como um dos projetos políticos fomentados pelo MNU na década de 1980: o amor entre pessoas negras, e foi nesse sentido que foi publicada a campanha “beije sua preta em praça pública”. Segundo Rhuann Fernandes (2022b), o verso de Leande Onawale expressa discussões que vinham sendo trabalhadas pelo MNU desde a fundação do movimento, como os impactos da baixa autoestima e complexo de inferioridade da população negra no campo afetivo e o distanciamento amoroso entre essas pessoas, que se viam como incompatíveis. “Nessa campanha, nota-se que, para o Movimento Negro Unificado, o amor entre pessoas negras pode ser um forte aliado na luta contra o racismo, sendo incorporado como um dispositivo anticolonial” (Fernandes, 2022b, p. 172).

Matheus da Rocha Viana (2019), ao abordar a experiência afetiva da população negra e a descolonização dos afetos, ressalta que, enquanto o papel da pessoa negra não for ressignificado,



isto é, enquanto a ideia de que negras não cabem no mundo dos afetos não for superada, o campo da afetividade continuará sendo de difícil acesso para elas. No entanto, destaca que a população tem se movimentado acerca de sua autoestima e seus afetos de dentro para fora.

Percebe-se o início de uma existência de relacionamentos afetivos afrocentrados, onde a população se descobre por meio de si mesma, não se expondo aos ‘perigos’ do embranquecimento e sim de um reconhecimento e construção de afetividade por meio de seus iguais (Viana, 2019, p. 79).

As movimentações de resistência da população negra, segundo Matheus da Rocha Viana (2019), partem da necessidade que esta tem apresentado de fugir das caracterizações do Ocidente. Rhuann Fernandes (2022b) entende que a ideia de amor afrocentrado se relaciona com princípios orientados por uma negritude que, ao perceber os impactos do racismo nas subjetividades de pessoas negras, preocupa-se em trazer o cuidado entre negras dentro dessas relações. Esses relacionamentos se apresentam, segundo o autor, enquanto uma decisão política que subverte a lógica do embranquecimento.

A vivência racial de pessoas negras nas relações afetivo-sexuais afrocentradas tem a possibilidade de ser transformada por meio do cuidado. Entende-se que, se nas relações com pessoas brancas uma condição de sub-humanidade pode ser demarcada, nos relacionamentos afrocentrados, há uma possibilidade de subversão dessa lógica. A união afetiva das negras em diáspora desperta a possibilidade de cura das feridas ocasionadas pela fragmentação e o isolamento, bem como se apresenta enquanto espaço seguro para trabalhar as mazelas ocasionadas pelo racismo cotidiano. “O amor e a união emergem como uma tarefa política para reparar nossa historicidade individual e coletiva de perda e isolamento” (Kilomba, 2021, p. 222). Entende-se que as relações afetivo-sexuais afrocentradas podem significar um caminho para o resgate do sentido de ser africana e, por meio dele, transformar a vivência subjetiva em uma sociedade colonial. O amor cura (hooks, 2021) e pode se apresentar como um caminho de emancipação para a população negra.

Cabe salientar que, ainda que o amor entre pessoas negras tenha potencial transformador, existe uma idealização dessas relações que se apegam às noções de amor romântico, concebida na ideia de par perfeito, que deve suprir e completar necessidades, como a de afeto. Uma das percepções de Rhuann Fernandes (2022b) é que muitas pessoas negras, especialmente mulheres, sonham com um relacionamento que foi negado em sua trajetória afetiva. Por isso, elegem relações monogâmicas partindo do fato de que nunca foram assumidas em suas relações amorosas. O autor percebe que, pelo preterimento sofrido, muitas dessas pessoas se agarram ao modelo de amor romântico vendido como amor preto e se aprisionam à ideia de “um príncipe negro ou uma princesa negra” (Fernandes, 2022b, p. 218), sem considerar que isso se trata de um ideal eurocêntrico



ilusório que pode ocasionar efeitos nocivos a longo prazo.

As tentativas de ressignificação dos modelos de relacionamentos já instituídos, partindo de pessoas negras, são compreensíveis considerando uma trajetória afetiva marcada pelo não lugar no amor. Muitas das vezes, a possibilidade de construção de uma relação com uma parceria afetiva da mesma categoria racial, que entenda suas feridas e olhe para seu corpo com afeto, pode fazer com que essa população negligencie as demais problemáticas que estruturam os relacionamentos. Geni Núñez (2023) destaca que, para uma transformação descolonizadora do afeto, é necessário um rompimento com a organização das relações impostas pela colonização, em que o afeto é pautado nas ideias de gênero, raça e poder. Caso contrário, esses relacionamentos podem atuar na perpetuação de violências diversas.

Compreendo que, em se tratando de pessoas muito feridas pelas violências coloniais, uma das formas de defesa pode ser justamente tentar ressignificar a ideia de família, de deus, de respeito e de responsabilidade e esse é um caminho possível, mas não podemos esquecer também que desistir de apostar nesses mesmos sistemas, criar outras palavras, outros sentidos também é uma possibilidade (Núñez, 2023, p. 60).

Outra problemática relacionada à idealização das relações entre pessoas negras é a ideia de que o amor romântico cura e salva. Geni Núñez (2023) aponta que essa visão sobrecarrega as relações românticas e dificulta o rompimento de relacionamentos. A autora evidencia que, apesar da ideia de que se deve ficar porque existe amor, “talvez nos caiba cogitar que é possível amar e ir embora” (Núñez, 2023, p. 126). Isso significa que, ainda que exista afeto, não é saudável construir ou permanecer em relações afetivas na expectativa de que elas sejam o único meio de libertação. Delegar aos relacionamentos afetivo-sexuais afrocentrados a responsabilidade da cura pode ser perigosa, uma vez que são uma possibilidade de emancipação, mas não a garantia dela.

Compreendendo a união afetiva entre negras enquanto uma estratégia possível de transformação da vivência racial e reconhecendo as problemáticas que a permeiam, pode-se afirmar que a construção de vínculos contracoloniais envolve repensar os modos relacionais que a sociedade está habituada. A perspectiva de Geni Núñez (2023) apresenta um não modelo para as formas de se relacionar. A não monogamia aparece não apenas como um contraponto para a monogamia, mas como uma perspectiva artesanal, em que não existe receita pronta que funcione para todas as pessoas, o que autora nomeia como “artesanaria dos afetos” (Núñez, 2023, p. 124).



4 A (re)construção das relações: o senso de pertencimento e comunidade em contraste com as lógicas monogâmicas

O jeito que amo não é importado, nem enlatado,
Vem sem manual, é artesanal e potável.
É parte de uma teia, com gente humana,
Gente bicho, vento, água e terra.
Amo ser e fazer parte, e sei: ser parte é infinito
(Núñez, 2023, p.50).

Pode-se compreender que, a partir de uma trajetória atravessada pela desumanização em vários âmbitos, uma das estratégias de resistência da população negra foi a construção de relações afetivas com suas iguais, inspiradas em ideais relacionais de pertencimento e comunidade, objetivando a formação de vínculos contracoloniais. Nessas relações, podemos observar como essa população tem transformado positivamente sua vivência racial por meio do fortalecimento da autoestima, autoamor e do senso de coletividade. O retorno ancestral e o rompimento com lógicas eurocêntricas, como as monogâmicas, têm papel fundamental nessas construções.

É importante ressaltar que, no caminho para a desconstrução dos modelos eurocentrados de relacionamentos e de reconstrução e retomada dos ideais dos quais populações não brancas foram privadas em decorrência da colonização, os afetos não se apresentam de forma já estruturada, em virtude da pluralidade das formas de ser negra, africana, indígena, dentre outras, e, ainda, da mutabilidade das maneiras de sentir e se relacionar. Na perspectiva de artesanaria dos afetos, de Geni Núñez (2023), as relações são mutáveis e, para a descolonização, é imprescindível que não sejam determinadas por normas ou manuais.

Na construção das relações afetivo-sexuais afrocentradas, pode-se perceber a forte influência dos ideais de comunidade presentes em grande parte da cultura africana. A perspectiva de Sobonfu Somé (2007) acerca do povo dangara revela modos de se relacionar que ultrapassam a noção de amor romântico e se divergem da estrutura monogâmica cristã por serem pautados, principalmente, na lógica do pertencimento e da coletividade. Essa característica pode ser observada, também, a partir do estudo de Rhuann Fernandes (2022a) a respeito do lobolo. Percebe-se que essa cerimônia ultrapassa a ideia de casamento e conjugalidade ocidental, uma vez que estabelece conexões entre a comunidade, incluindo pessoas vivas e mortas, o que revela uma característica espiritual da tradição. Compreende-se que essa ligação espiritual pode estabelecer uma relação harmoniosa entre as famílias.

Uma das características da cultura ocidental que se diverge das perspectivas coletivas de África é o individualismo, o que, de acordo com bell hooks (2021), é fruto de uma cultura de dominação em que alguns utilizam de múltiplos recursos do mundo, enquanto outros vivem sem



acesso a eles. A autora aponta que, para garantir a sobrevivência, seres humanos de todos os lugares se organizam em comunidades. Em sua percepção, diferentemente de famílias nucleares e da ideia de casal, as comunidades são os melhores lugares para aprender a arte do amor, o qual, como prática transformadora, nos dá a possibilidade de superar as mazelas de uma sociedade narcisista. A partir disso, entende-se que nos torna aptas, também, para transformar uma vivência racial marcada por violências diversas.

Segundo Geni Núñez (2023), o modelo de família nuclear instituído pela monogamia não comporta o trabalho e o descanso de maneira saudável, uma vez que o cuidado das crianças e da vida doméstica é destinado, geralmente, a duas pessoas cuidadoras que, de acordo com a dinâmica heterossexual, são pai e mãe. Numa cultura patriarcal, a responsabilidade por essa função é atribuída à mulher. Inserindo, no contexto, os privilégios raciais, mulheres negras e indígenas realizam precariamente esse trabalho, dando suporte às mulheres brancas que desejam seguir outras carreiras. A partir daí, nota-se mais uma diferença entre o modelo civilizatório europeu e os modos de vida pautados na comunidade: enquanto um utiliza de estratégias de dominação para manutenção de privilégios de umas e exploração das demais, os outros se organizam na possibilidade da participação conjunta nas tarefas e da redução de sobrecarga.

A monogamia não tem garantido um melhor cuidado para as crianças humanas, da mesma forma que os modos coletivos de cuidado não são, necessariamente, exemplos de descuido. Pelo contrário, em povos indígenas e quilombolas, por exemplo, nos quais as crianças são cuidadas por toda a comunidade, não verificamos a mesma sobrecarga de trabalho nas mães, tão elementar na monogamia e na precarização do amparo às crianças (Núñez, 2023, p. 82).

É possível perceber que existem diferenças diversas entre o modo de vida eurocentrado e as vivências africanas apresentadas, ainda que as experiências relacionais no continente não sejam homogêneas. Pessoas negras, fundamentadas nas noções de afrocentricidade que, no Brasil, sofreram uma forte tentativa de aniquilamento pelas crenças europeias, têm buscado cada vez mais se pautar nos ideais de afeto e de ser humana numa perspectiva de África, e isso tem norteado a formação dos relacionamentos afrocentrados. A construção do afeto, a partir disso, tem se apresentado enquanto potente transformadora da vivência dessa população em ambiente colonizado, proporcionando o fortalecimento da autoestima, autoamor e do senso de pertencimento.

Pode-se concluir que o encontro entre pessoas negras, em relações que, além de questionarem as visões eurocêtricas a respeito do afeto, comprometem-se a experienciar construções artesanais, pode se apresentar enquanto estratégia transformadora da vivência racial delas. Ainda, a ruptura com a estrutura monogâmica e o individualismo ocidental podem promover um senso de comunidade e pertencimento atuante na transformação de seus relacionamentos.



Referências

- AFRODENGGO – AMORES LIVRES. *Sobre esse grupo*. [S. l.], 2020. Facebook: afrodenngoamoreslivres. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/afrodenngoamoreslivres/>. Acesso em: 20 maio 2024.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa - Matrizes africanas da cultura brasileira Livro, v. 4). p. 93-110.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 25-57.
- CARONE, Iraí. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 13-23.
- CASARIN, Sidnéia Tessmer; PORTO, Adrize Rutz; GABATZ, Ruth Irmgard Bartschi; BONOW, Clarice Alves; RIBEIRO, Juliane Portella; MOTA, Marina Soares. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, Pelotas, v. 10, n. 5, p. 1-7, out. 2020.
- COLLINS, Patrícia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 271-310.
- DORNELAS, Fillipe. Denga. *Denga Love*, [s. l.], nov. 2024. Disponível em: <https://www.dengalove.com/>. Acesso em: 23 maio 2024.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Raquel Camargo e Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu, 2020.
- FERNANDES, Rhuann. *Casamento tradicional bantu: o lobolo no sul de Moçambique*. 2. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2022a.
- FERNANDES, Rhuann. *Negritude e não monogamia: as micropolíticas do amor*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022b.
- HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.
- HOOKS, bell. Vivendo de amor. In: WENECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (org.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 188-198.
- IFÉ, Lorena. [Convite para participar do grupo]. [S. l.], 11 mar. 2017. Facebook: afrodenngo. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/14eTx8AQ3B/>. Acesso em: 20 maio 2024.



KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

LÁGRIMAS [09. BACO Exu do Blues - Lágrimas [ft. Gal Costa]]. Intérpretes: Baco Exu do Blues e Gal Costa. Compositor: Baco Exu do Blues. In: QVVJFA? Intérprete: Baco Exu do Blues. São Paulo: 999, 2022. Publicado pelo canal Baco Exu do Blues. 1 vídeo (3 min). Disponível em: https://youtu.be/IwRZP9V-gYE?si=PZ_D2ML8fOCDS1nv. Acesso em: 1 dez. 2023.

MARQUES, Hercules. *Amor preto cura*. São Paulo: Sonia Regina Bischain Rosa, 2021.

NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos*: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

O QUE É o amor? [Luedji Luna • O que é o amor? | Álbum Bom Mesmo é Estar Debaixo D'Água (Delux)]. Intérprete: Luedji Luna. Compositora: Luedji Luna. In: BOM mesmo é estar debaixo d'água Deluxe. Intérprete: Luedji Luna. São Paulo: Altafonte, 2022. Publicado pelo canal Luedji Luna. 1 vídeo (2 min). Disponível em: <https://youtu.be/5e0sbO6CY2s?si=Ge0NI8w-WoRmhXib>. Acesso em: 1 dez. 2023.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra*: afetividade e solidão. Salvador: Edufba, 2013. (Temas Afro).

SANDALL, Hugo; QUEIROGA, Fabiana; GONDIM, Sonia Maria Guedes. Quem somos? Caracterizando o perfil das(os) psicólogas(os) no Brasil. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). *Quem faz a psicologia brasileira?* Um olhar sobre o presente para construir o futuro. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2022. (Formação e inserção no mundo do trabalho, v. 1). p. 42-53.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Somos da terra. *Piseagrama*, Belo Horizonte, v. 1, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

SCHUCMAN, Lia Vainer; MANDELBAUM, Belinda; FACHIM, Felipe Luis. Minha mãe pintou meu pai de branco: afetos e negação da raça em famílias interracialis. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 439-455, jul.-dez. 2017.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade*: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Tradução: Deborah Weinberg. 2. ed. São Paulo: Odyseus, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Priscilla Santos de. Colonialismo e os efeitos do sofrimento sociopolítico: aquilombamento como estratégia de organização. In: SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos; LANARI, Laura. *Saúde mental, relações raciais e Covid-19*. São Paulo: [s. n.], 2020. p. 57-64.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal*: revista de psicologia, Rio de Janeiro, v. 31, p. 244-248, set. 2019. Número especial.



VIANA, Matheus da Rocha. Decolonizando afetos: a presença do colonialismo na construção de afetos da população negra e a decolonialidade do ser. *Revista Textos Graduated*, Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 69-84, jan. 2019.

ZANELLO, Valeska. *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. Curitiba: Appris, 2022.

